

## **A construção implícita da opinião na reportagem: análise de pressupostos e subentendidos na revista Piauí<sup>1</sup>**

Eric Machado RAUPP<sup>2</sup>  
Janine Marques Passini LUCHT<sup>3</sup>  
Roberta SARTORI<sup>4</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

### **RESUMO:**

O presente artigo analisa a linguagem implícita na reportagem *Rebelião*, extraída da revista *Piauí* a fim de averiguar a presença de opinião nesse formato jornalístico. A escolha do tema de análise se deu porque as manifestações populares do mês de junho tiveram grande noticiabilidade junto à mídia. Para tanto, serão explanadas as teorias de Marques de Melo (2010) sobre gêneros jornalísticos, e a teorização de posto, pressuposto e subentendido de Oswald Ducrot (1987). Neste estudo, também é apresentado um breve histórico e as principais características da revista *Piauí*. Após as análises, foram encontradas informações implícitas que expressam opinião e juízo de valor.

**Palavras-chaves:** Manifestações; gênero diversional; opinião; Revista *Piauí*; linguagem implícita.

### **INTRODUÇÃO**

O mês de junho de 2013 configurou-se como um dos principais momentos de contestação nos últimos anos em solo brasileiro. Uma multidão, irrompeu nas ruas e avenidas do Brasil, indignada com o sistema de governo vigente. Através da Internet, divulgou-se o movimento contra a atividade dos Três Poderes, e via redes sociais, principalmente o *Facebook*, manifestações foram organizadas em pequenas cidades do interior até grandes centros urbanos. Pela prática do jornalismo, os fenômenos sociais foram espalhados mundialmente e noticiados por diversos veículos de comunicação.

Neste campo, existe o estudo dos gêneros, convenções sociais para as formas fixas das mensagens jornalísticas: radiofônico, televisivo, impresso e *on-line*. No segmento dos impressos, o diversional, para Werneck (2004, p. 525) “mais conhecido como jornalismo literário”, é uma das estruturas que mais se destaca, porque “sem se afastar da trilha da informação, busca torná-la também saborosa, enriquecendo-a com recursos da narrativa de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante do 3º semestre do curso Jornalismo da ESPM-Sul, E-mail: eric.raupp@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Diretora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, e-mail: janine@espm.br

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, e-mail: rsartori@espm.br

ficção” (WERNECK, 2010, p.72). Nesse contexto, destaca-se a revista Piauí, publicação mensal da Editora Alvinegra.

Contudo, os gêneros não se apresentam de forma única e exclusiva, mas se completam. Para Costa (2010), um texto cujo propósito comunicativo de maior peso identifique o gênero, outros também podem aparecer de forma secundária. Assim, um dos gêneros mais difusos é o opinativo, apesar de o jornalista disseminar a ideia de transparência: “ao redigir uma matéria, estará materializando um processo contínuo e ininterrupto de escolhas e eliminações que resultam na construção de uma mensagem entre infinitas possibilidades descartadas” (COSTA, 2008, p. 52-53).

Para isso, profissionais da área de comunicação utilizam meios ocultos de criticar e expor suas opiniões. Oswald Ducrot (1987) teorizou que o significado total de um texto é resultado de seus conteúdos explícitos e implícitos. Dessa maneira, o presente artigo visa analisar ferramentas de expressão (linguagem explícita e implícita) na construção do gênero opinativo na seção “esquinas” da revista Piauí, que, na edição número 82, se refere às manifestações do mês de junho.

Portanto, o trabalho será dividido em cinco etapas. Na primeira, será explicado o conceito de reportagem. Na segunda, será exposta a teoria sobre o gênero diversional. Depois, será apresentada a teoria de Ducrot sobre os implícitos. E, por fim, será feita uma descrição sobre o veículo, para, finalmente, ser realizada a análise através do estudo do vocabulário utilizado e da aplicação da proposta ducrotiana a fim de fazer um levantamento dos pressupostos e subentendidos com o intuito de identificar a expressão da opinião.

## **A REPORTAGEM**

O jornalismo, enquanto técnica de comunicação, tem um caráter precípuo de informar. Para tal feito, ele requer processos de apuração e mecanismos de averiguação de dados, o que torna possível a obtenção de um texto que descreverá um ocorrido. Essa narrativa pode ser exposta de diferentes maneiras, mas é essencial que seja pautada na objetividade. Dentre os métodos de recontar uma história insere-se a reportagem, cujo conceito será expresso nesta seção, a fim de uma compreensão acerca da mesma.

Marques de Melo (2003) explica que, durante muito tempo, informação e opinião apareciam de forma indissociáveis em jornais. Contudo, o editor-chefe do *Daily Courant*, fundado em 11 de maio de 1702, Samuel Buckley, propôs uma distinção entre os dois, estabelecendo a dicotomia *news and comments*. Dessa maneira, Buckley introduziu no

jornalismo o conceito da objetividade, tornando-se pioneiro da preocupação com o relato preciso dos fatos, tratando as notícias como notícias, sem comentários.

A partir do pensamento dicotômico de Buckley, têm gênese os gêneros informativo e opinativo. A bipolarização entre essas duas formas de se fazer jornalismo é construída historicamente, como explica Marques de Melo (2003), ao mostrar que o informativo tem maior expressão no jornalismo inglês, enquanto o opinativo no jornalismo francês. Conforme explicitado no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), pela palavra “informativo” entende-se a qualidade:

“1 que se destina a informar ou a noticiar; 2 publicação periódica em que predomina o caráter informativo; boletim.”, sendo o termo informar caracterizado por: 3 fazer saber ou tomar ciência de; cientificar(-se); 4 dar instrução a; ensinar; 5 ser informativo (para); 6 dar força a; corroborar, apoiar; 7 dar caráter ou essência a. (HOUAISS, 2001, p.1615).

Assim, o gênero informativo é aquele que cumpre com a função básica do jornalismo: informar, contar um acontecimento com objetividade. Entre seus formatos, estão nota, notícia, entrevista e reportagem. A notícia tem, em sua essência, um caráter de abordagem mais superficial sobre o fato. É na reportagem que o repórter vai mergulhar e se aprofundar no fato. Por definição, reportagem é “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística” (MARQUES DE MELO, 2010, p.55).

Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o “modo”, o “lugar e “tempo”, além da captação de “versões” dos “agentes”. De autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho em equipe (MARQUES DE MELO, 2010, p.55).

Sodré e Ferrari (1986) argumentam que a reportagem deve apresentar quatro características fundamentais: a predominância na forma narrativa, a humanização do relato, ser feito de maneira impressionista e, finalmente, apresentar a objetividade dos fatos narrados. A reportagem, ressalta Lage (2011), aborda assuntos, tendo importância as relações que reatualizam os fatos, a partir de um conhecimento. Como sugere o autor,

o trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar o texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (as vezes apenas sugeridos ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas (LAGE, 2011, p.35).

Dessa forma, fica claro o caráter informativo deste formato, que deve primar a objetividade, isto é, transmitir os fatos com “um enfoque transparente com as provas disponíveis” (KOVACH; ROSENTIEL, 2003, p. 155). À vista disso, nesta seção foram

apresentados os principais aspectos da reportagem, que, por definição, é um relato ampliado de um acontecimento que repercutiu no organismo social.

## **O JORNALISMO DIVERSIONAL**

Dentre as principais características dos processos de apuração e produção jornalística, os quais podem servir como base de entendimento do trabalho da imprensa, um aspecto mostra-se essencial: a percepção de que o jornalismo não é feito apenas de conteúdos exclusivamente informativos e opinativos, gêneros que predominam no sistema midiático brasileiro. Dessa maneira, esta seção explicitará a teoria sobre o gênero diversional.

Luiz Beltrão, pioneiro dos estudos dos gêneros jornalísticos no Brasil, não abordou o gênero diversional em suas análises, porque ele “encara o jornalismo como atividade séria, onde não há lugar para brincadeira, para diversão” (MARQUES DE MELO, 2003, p.60). Contudo, a relação entre veículos de comunicação e entretenimento não é uma característica moderna, uma vez que, durante o século XIX, o folhetim – do francês *feuilleton* – era bastante apreciado pelos moradores do Brasil na época do Império (ALENCASTRO, 1997).

Marques de Melo, na década de 1980, também investigou os gêneros, mas reposicionou o pensamento de Beltrão, inserindo o gênero diversional como objeto de análise, apesar não ter encontrado “ancoragem na práxis jornalística observada no país” (2003, p.64). Ao tratar sobre a diversão, propôs que ela consistia em “um mero recurso narrativo que busca estreitar os laços entre a intuição jornalística e não transcende a descrição da realidade, apesar das formas que sugerem uma dimensão imaginária” (MARQUES DE MELO, 2003, p.64). Assim, para o autor, é um gênero de caráter emotivo e complementar, uma vez que os primeiros gêneros observados e, mais expressivos, ainda hoje, foram o informativo e o opinativo.

Beltrão, após as análises de Marques de Melo, compreendeu “que a atividade do jornalismo é formada por três funções essenciais: orientar, informar e divertir.” (BELTRÃO, 1980, p.19) A diversão proporcionada pela comunicação, entretanto, como teorizado por outros autores, diferencia-se do entretenimento oferecido por programas veiculados no rádio e na televisão. Muggiati (1971) acredita que a expressão do jornalismo diversional está relacionada ao *New Journalism* americano. O movimento, concebido nos Estados Unidos durante os anos 60, é, de certa forma, uma tentativa de satisfazer o sonho de

escrever um grande romance. "Estou ansioso por apostar que, não há muito tempo, a metade das pessoas que iam trabalhar na imprensa o faziam na crença de que o seu destino real era o de ser romancistas" (WOLFE, 1976, p.16).

Movimentos como o *New Journalism*, na opinião de Beltrão (1976, p.41), apresentam-se como um jornalismo “de evasão, cultivado pela in-cultura contemporânea: a interpretação adulterada ou pessoal e interessada”. Considerado um símbolo dessa forma de se fazer jornalismo, Gay Talese defende que

embora muitas vezes seja lido como ficção, o novo jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação, pelo uso das aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio. (TALESE, 2004, p. 9-10).

O movimento de reestruturação na maneira de apuração e produção de conteúdo jornalístico iniciou no Brasil no ano de 1966, quando a revista *Realidade* foi lançada pela Editora Abril. A publicação, para Faro (1999), adotou o estilo proposto pelo *New Journalism*, apresentando textos extensos, mas com abordagens que agradavam aos leitores. Muggiati (1971, p.10) defende a ideia de que a publicação tratava-se de uma “verdadeira fusão do escritor do jornalista”. Acredita, ainda, que pode ser definido como uma reportagem-conto, devido aos recursos narrativos de técnicas literárias.

Pela semelhança estilística, o gênero diversional, muitas vezes, é confundido com o jornalismo literário. As diferenças, contudo, são tênues; aquele exige a impessoalização da narração, o jornalista apresenta-se como um observador distante dos fatos, enquanto este apresenta os fatos sob uma ótica muito próxima, confundindo a ficção com a realidade, a sua impressão com a veracidade. Como exemplo dessa “ficção” do jornalismo literário, temos o livro “A Sangue Frio” (CAPOTE, 1966), que narra a história de um assassinato quádruplo em Holcomb, cidade do interior do estado do Kansas, nos Estados Unidos, desde o planejamento do crime até sua execução. A fim de desmentir o que foi relatado por Capote, o jornalista americano Kevin Helliker publicou um artigo no *The Wall Street Journal*, em 8 de fevereiro de 2013, com documentos que sugeriam que o autor, quando os fatos não o ajudavam a explicar a realidade, publicava dados imprecisos e fantasiosos.

Apesar das divergentes percepções sobre a origem do gênero diversional e sobre sua própria existência, classificá-lo como “categoria do jornalismo é reconhecer que há espaço,

dentro da imprensa, para a elaboração de material que vai além do *hard news*” (ASSIS, 2010, p. 159). Conforme Marques de Melo (2003), esse tipo de texto firmou-se como gênero graças à mistura de sensibilidade, envolvimento afetivo e profunda observação dos protagonistas das notícias e ambientes em que atuam.

Em suas pesquisas sobre o gênero, Marques de Melo (1998) identificou na composição do jornalismo diversional dois formatos: “história de interesse humano” e “história colorida”. Aquela se caracteriza por oferecer um releitura dos fatos a partir de detalhes que são capazes de incitar emoção de quem lê o texto, os quais são estruturados por uma narrativa bem elaborada. De acordo com Beltrão (1969), histórias de interesse humano são aquelas cuja carga emocional ultrapassa o valor de noticiabilidade; assim, a função do jornalista é identificar no fato o que de mais interessante pode haver para o leitor. Já a história colorida volta-se para a descrição dos cenários onde os fatos ocorrem, as sensações percebidas. Segundo Marques de Melo (1998), ela descreve uma situação na qual o fato é desenvolvido, isto é, enfatiza detalhes que compõem determinado assunto curioso.

Temer (2002) considera que a história de interesse humano pode parecer insignificante em um determinado contexto sociocultural pelo fato de assuntos mais relevantes terem a necessidade de serem abordados. Entretanto, o formato obtém seu espaço à medida que desperta a atenção e a curiosidade do leitor. O mesmo ocorre com a história colorida, que se estrutura em aspectos pessoais dos protagonistas e do ambiente em que desenrola o fato. Assim,

conta uma história ou descreve uma situação colocando-lhe acento no modo em que se desenrola antes que na informação. Os recursos de redação, portanto, são mais literários do que jornalísticos, já que passam fundamentalmente pela utilização de imagens sensoriais e pela transmissão de emoções e sentimentos (CAMPS; PAZOS, 1996, p. 138).

Dessa maneira, classificar o diversional enquanto gênero autônomo é uma maneira de reconhecimento de produção e consumo de informação que diverte. Informar diz respeito a transmitir uma mensagem, o que é inerente a qualquer gênero. Ressalta-se, entretanto, que nem todo texto diversional pode ser classificado como história de interesse humano ou história colorida; a principal unidade de classificação é vocabular e estilística.

## **REVISTA PIAUÍ**

Piauí é uma revista peculiar, que foge da abordagem comum ao *hard news* e na qual se percebe a presença da sátira, que coexiste com a recomposição de fatos e de notícias. Diz-se que a revista é constituída por textos opinativos, mas, Cobalchini (2010) opõe-se ao

afirmar que não é a opinião ou mesmo a argumentação em defesa de um ponto de vista que configuram os atores principais da publicação. Ela alega que classificar os textos de Piauí como gênero opinativo é simplificar a proposta do veículo, uma vez que quase todo meio de comunicação apresenta opinião.

À vista disso, o presente artigo considera o caráter de forma (reportagem) e linguístico, que se configura quase como uma linguagem própria da cultura de veículos de comunicação no Brasil, para o estudo. São poucas as publicações nacionais e os jornalistas que seguem a linha de escrita embasada no jornalismo diversional. E, com características próprias, a Piauí se destaca no mercado editorial (COBALCHINI, 2010). Por consequência, nesta seção serão apresentadas as principais características da revista, cujos relatos empregam, na mesma proporção, recursos literários e jornalísticos.

Lançada em outubro de 2006 pelo cineasta João Moreira Salles, Piauí privilegia o texto e tem como objetivo maior contar uma boa história (SALLES, 2006). O autor também defende a ideia de que o compromisso da revista é com grandes histórias. Isso possibilita a abordagem de uma extensa gama de assuntos: política, literatura, economia, televisão, arquitetura, cinema e futebol, por exemplo. Apresenta também “uma mistura incomum de reportagens políticas com histórias em quadrinhos, revelações do mundo econômico com poesia, perfis de esportistas com tolices bem humoradas” (MÍDIA KIT 2013).

Contudo, a proposta editorial é a de seguir os preceitos da reportagem, mas com uma preocupação com detalhamentos (COBALCHINI, 2010). O foco nesses pode parecer fútil, embora seja uma característica essencial do veículo e se mostre capaz de revelar sentidos omissos que ampliam a dimensão das temáticas abordadas. Essa cautela com detalhes, oriundos do excesso de informações, faz com que os textos sejam longos. Para Salles (2010), a revista

tenta manter um equilíbrio entre textos longos e curtos. Isso posto, é claro que o conceito de longo/curto é relativo. Um bilhete de três parágrafos pedindo a alguém que me acorde às 7 da manhã é longo. Uma reportagem em quatro páginas sobre a complexidade dos fundos de pensão é curta e ficará na superfície. Gosto de imaginar que os textos da "Piauí" têm o tamanho que precisam ter. Não limitamos o espaço quando ele é necessário, nem damos espaço quando ele é inútil. (KACHANI, 2010).

O tratamento linguístico ao qual as matérias estão subordinadas, além de envolverem uma apuração minuciosa, dão um caráter de análise cultural, “de significação dos bens culturais para o qual a linguagem estandardizada do jornalismo convencional acaba sendo um empobrecimento na formação do leitor” (COBALCHINI, 2010, p. 82).

Nessa perspectiva, o jornalismo diversional, não se baseia somente na ideia de histórias de interesse humano ou histórias coloridas, mas reforça a ideia de apresentar como característica principal de unidade a linguagem mais apurada sobre qualquer área do jornalismo. E ela merece ser descrita com atenção aos detalhes, posto que cada detalhe compõe um signo e testifica a identidade da publicação (COBALCHINI, 2010).

O histórico da revista remonta um projeto antigo, baseado no sentimento de Salles de que faltava, na rede de publicações brasileiras, algo em que fosse possível ler textos agradáveis, com diferentes assuntos, mas ainda assim com “preocupação estética, isto é, narrações em que o atributo bem contado fosse mais importante do que o assunto em si mesmo” (COLBACHINI, 2010, p.88). Apesar da influência do Novo Jornalismo americano, Salles prefere não utilizar esse termo para descrever Piauí.

Uma questão controversa sobre a revista diz respeito ao título. O nome do veículo é um mistério, (MÍDIA KIT 2013), uma vez que não existe uma resposta consensual para a escolha. Etimologicamente, a palavra piauí, de origem tupi, quer dizer água de piaba, coisa sem importância. A piaba é uma espécie de peixe existente em grande quantidade. Mas, no que se refere ao símbolo do veículo, o pinguim que veste boina com uma estrela, imortalizada por Che Guevara, tem seus significados. Criado por Angelio, ele representa o símbolo máximo da estética *kitsch* e constitui uma provocação que aponta para a propagação das vanguardas revolucionárias em objetos de consumo pop.

A partir das características exibidas nesta seção, é possível observar que Piauí apresenta-se no mercado editorial como um grande exemplo de jornalismo diversional. Apesar da variação dos assuntos abordados, o estilo narrativo permanece predominante e característico do modo como a revista apresenta os temas ao leitor. É perceptível a linguagem com traços literários, como a utilização de ironia.

## **A LINGUAGEM IMPLÍCITA - PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS**

Os valores-guia do jornalismo - imparcialidade, neutralidade e objetividade - são, muitas vezes, difíceis de serem atingidos. Interesses individuais e de grupos privados tendem a serem expressos nos textos jornalísticos (TRAQUINA, 2002). Mas, para alcançar esses valores, profissionais utilizam, até mesmo de forma inconsciente e natural, mecanismos da linguística. Sob tal perspectiva, nesta seção será exposta a teoria de Oswald Ducrot (1987) sobre o posto, o pressuposto e o subentendido, essas últimas categorias da linguagem implícita.



Nessa perspectiva, classifica-se posto como “a informação contida no sentido literal das palavras de uma sentença” (MOURA, 1999, p. 13). Ainda sob essa ideia, a noção de implícito em um texto está naquilo presente na ausência, isto é, o conteúdo implícito pode ser definido como aquele que fica à margem da discussão. Na concepção de Orlandi (2006), consiste naquilo que não está dito, porém, está significando:

a) o que não está dito, mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; b) o que está suposto para que se entenda o que está dito; c) aquilo a que o que está dito se opõe; d) outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas etc. (ORLANDI, 2006, p. 30)

A partir de tais considerações, é possível estudar as informações implícitas. Aquelas “que se baseiam em informações recuperadas linguisticamente constituem os pressupostos e as que estão relacionados ao contexto e à situação são os chamados subentendidos” (PAULIUKONIS, 2006, p. 1919). Essas marcas linguísticas que caracterizam os pressupostos geralmente são, de acordo com Platão e Fiorin (2010), adjetivos, verbos que indicam mudança ou permanência de estado, verbos que indicam um ponto de vista expresso por um fato expresso pelo seu complemento, advérbios, orações subordinadas adjetivas e conjunções.

A classificação de pressupostos e subentendidos possui uma diferença essencial: naqueles, as informações implícitas são estabelecidas como um fato, são indiscutíveis tanto para o emissor quanto para o receptor da mensagem. Isso ocorre, porque elas decorrem de um símbolo verbal inserido no texto, logo,

não podem ser negadas pelo emissor e nem desconsideradas pelo interpretante de um texto, pois estão inseridas na própria língua; por isso é fundamental que sejam verdadeiras, porque é a partir delas que se constroem as argumentações; se forem falsas, todo o raciocínio decorrente delas também será. (PAULIUKONIS, 2006, p. 1919).

Por sua vez, os subentendidos “são insinuações, não marcadas linguisticamente, contidas numa frase ou num conjunto de frases” (PLATÃO, FIORIN, 2010, p. 310). Eles podem ser percebidos e recuperados através de uma análise da enunciação do texto. São, portanto, “implícitos que não podem ser previstos apenas com base no sentido literal ou no reconhecimento da estrutura linguística” (PAULIUKONIS, 2006, p. 1919).

Os subentendidos podem funcionar com o intuito de absolver o comprometimento de escritor, possibilitando a negação da interpretação. Dessa maneira, “o enunciador pode se esquivar de reconhecer um subentendido, que é da responsabilidade do ouvinte, e se proteger, fingir que não reconhece a conclusão a que chegou seu interlocutor”

(PAULIUKONIS, 2006, p. 1920). Platão e Fiorin (2010) reforçam a ideia de que a compreensão dos subentendidos é responsabilidade do receptor, estando sujeita a predisposições individuais àquele posto.

Existem casos nos quais a diferença entre as duas categorias estudadas podem aparentes, mas conclui-se que se pode negar os subentendidos, enquanto que não se nega os pressupostos. Dessa maneira, esta seção apresentou a teoria de Ducrot sobre a linguagem implícita, que junto à explícita, compõe o processo de significação de um texto.

## ANÁLISES

A seção Esquina da revista Piauí, de julho de 2013, traz sete reportagens, sob a visão de sete jornalistas, sobre as manifestações ocorridas no Brasil. De autoria de Mario Sérgio Conti, *Rebelião* é o texto de abertura, no qual é apresentado um panorama geral dos movimentos, junto a um comparativo com movimentos sociais que desenharam outros panoramas no cenário mundial, como a Revolução Russa e a Primavera Árabe.

Nesta seção serão analisados seis trechos do texto *Rebelião* a fim de averiguar a presença de opiniões em conteúdos implícitos no mesmo. O item de análise foi organizado seguindo uma ordem que especifica primeiramente o posto, ou seja, o enunciado, e depois os pressupostos e os subentendidos, para então ser tecido um comentário sobre a opinião encontrada.

### 1. POSTO: “Elas enfrentaram a polícia.”

No posto acima, o pronome ‘elas’ se refere às milhões de pessoas que foram às ruas. O verbo ‘enfrentar’ significa que alguém provocou e alguém foi provocado. Assim, os implícitos são:

**PRESSUPOSTO:** Houve um confronto.

**SUBENTENDIDO:** Dado que as manifestações tiveram um caráter não-pacífico, o momento foi equivalente ao de uma guerra, no qual grupos batalhavam para encontrar um vencedor. Nesse caso dois lados combatiam: um para mudar as condições vigentes e outro para mantê-la, em clima de guerra.

*Dessa maneira, Conti critica a polícia, subordinada ao sistema, com cuja realidade os manifestas estavam insatisfeitos, porque ela foi um adversário no protesto. O jornalista, entretanto, quebra a tensão ao escrever, em seguida, que os manifestantes “queimaram*

*ônibus, carros e vans de redes de tevê. Fizeram barricadas em rodovias e impediram a entrada em aeroportos”, como maneira de justificar a ação das forças armadas.*

2. POSTO: “A situação que se abriu é revolucionária”.

Nesse posto, “a situação que se abriu” diz respeito a um momento político de contestação. O trecho “que se abriu” indica que uma nova situação político-social entrou em vigência a partir daquele momento. A palavra “revolucionária” adverte que tal situação pode mudar o país. Por consequência, tem-se os implícitos:

PRESSUPOSTO<sup>1</sup>: A situação anterior não era revolucionária

PRESSUPOSTO<sup>2</sup>: Ser revolucionário significa que se quer mudar uma situação.

SUBENTENDIDO: A população estava cômoda com a situação desigual do país.

*A opinião do jornalista mostra-se de acordo com um pensamento cético presente na sociedade brasileira: a crença de que a juventude, que esteve à frente das manifestações, estava perdida e sem perspectiva de futuro perante um Brasil.*

3. POSTO: “Isso não significa que o Brasil esteja às vésperas de uma revolução, longe disso”.

No posto acima, “isso” refere-se à abertura de uma situação revolucionária, mostrada em no exemplo anterior. A marca linguística “longe disso” mostra que existe a situação não é eminente. Assim, os implícitos são:

PRESSUPOSTO: O Brasil não está perto de uma mudança.

SUBENTENDIDO: É preciso mais que um condição de descontentamento para se fazer uma revolução, e as condições de desigualdade social ainda existirão no Brasil por muito tempo.

*O pensamento de Conti mostra-se pessimista, transmitindo a ideia de que nada acontecerá à curto e médio prazo. Isso ocorre porque não havia uma unidade de reivindicação (foram eleitas ao menos cinco causas, pelo senso comum: a diminuição do preço das passagens, veto à PEC 37, saída imediata de Renan Calheiros do Senado, criação de lei que torne corrupção crime hediondo e fim do foro privilegiado, sob a alegação que é um ultraje ao Artigo 5º da Constituição).*

4. POSTO: “E que o Estado não pode seguir governando como fazia até então”.

O segmento “como fazia até então” revela que o Estado governava de uma maneira diferente. O termo “não pode” mostra que essa maneira não era positiva, ou não haveria razão para parar de governar tal modo.

PRESSUPOSTO<sup>1</sup>: O Estado governava de outra maneira.

PRESSUPOSTO<sup>2</sup>: Existe um impedimento para se governar da mesma forma.

SUBENTENDIDO: As políticas de governo não saciavam os anseios e as necessidades da população.

*Observa-se nesse trecho uma crítica do jornalista ao governo de Dilma Rousseff, mostrada quando ele escreve que o governo não pode continuar a governar como fazia. Apesar de dar continuidade a programas de transferências, como o Bolsa Família, a atual gestão presidencial apresenta baixos índices de economia. Isso pode ser exemplificado por um baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2012 - 0,9% -, totalizando US\$ 2,253 trilhões no mesmo ano. Pressionado pelos manifestantes, o Estado terá que fazer mudanças na forma de governar, ou uma insatisfação popular continuará presente na população.*

5. POSTO: “Raios iluminam o céu azul de vez em quando. Eles só têm consequência quando batem no chão e provocam fagulhas”.

A marca linguística “de vez em quando” mostra que tal fato não ocorre sempre. Por sua vez, a palavra “só” designa uma exclusividade, isto é, a consequência é decorrente de um outro fato acontecer – bater no chão e provocar fagulhas.

PRESSUPOSTO: Raios não atingem o céu azul sempre.

SUBENTENDIDO: Quando os raios batem no chão é perigoso.

*O autor faz uso de uma figura de linguagem, a metáfora, inspirada nos fenômenos da natureza, para designar as manifestações de junho. O raio representa um sentimento de insatisfação. Ele existe no âmago das pessoas, mas não exerce perigo ao sistema governamental. Contudo, a expressão “bater no chão e provocar fagulhas” representa a adesão de mais pessoas a esse descontentamento, espalhando a causa para uma multidão e gerando um perigo ao sistema (fagulhas). Fica subentendida, então, o alerta do jornalista ao governo, indicando que uma situação perigosa pode estar por vir.*

6. POSTO: “Eles têm 20 e poucos anos, mas desfraldaram faixas com uma reivindicação popular velhíssima, a redução do preço das passagens”.

No posto acima, “mas” indica uma adversidade, porque os manifestantes, que eram jovens, estavam lutando por uma causa “velhíssima”, o que mostra que reivindicações pela redução do preço das passagens ocorrem há muito tempo no Brasil. Assim, temos os implícitos:

**PRESSUPOSTO:** Os jovens não deveriam estar lutando pela causa das passagens.

**SUBENTENDIDO:** Batalha-se isso porque governos anteriores não tiveram a capacidade e/ou disposição para resolver a questão.

*Percebe-se uma postura crítica em relação à história política do Brasil, uma vez que o país já assistira a outras manifestações sobre preços do transporte público, como a Revolta do Vintém, em 1879, e nos anos 1950, quando Juscelino Kubitschek, não acatou às reivindicações cariocas contra o aumento das passagens. Assim, Conti deixa implícita uma crítica à ineficiência de várias gestões para resolver esse problema.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À luz da teoria de Marques de Melo (2003) sobre os gêneros jornalísticos, que os classifica, diferenciando-os, é possível uma análise quanto ao conteúdo e à forma pelo qual um fato é narrado. Nessa perspectiva, Rebelião é identificado como reportagem, uma vez que reconta uma circunstância, apresentando os fatos ao leitor de maneira abrangente. Contudo, quanto à natureza linguística, observa-se a presença de marcas interpretativas, como linguagem conotativa e figuras de linguagem, cujo fenômeno da ironia é o mais presente.

Esses recursos fazem parte de um seletivo vocabulário que, na maioria das vezes, não aparece no jornalismo. Isso ocorreu porque o veículo é, linguisticamente, caracterizado pelas técnicas literárias do gênero diversional, originário do *new journalism*. Ao fazer a descrição de ambientação, personagens e utilizar a ironia, que tem uma ação bastante importante nas reconstruções presentes em Piauí, o jornalista promove um juízo de valor.

Assim, a utilização de recursos literários diversos é uma ferramenta na construção de opinião no campo do jornalismo. Logo, existe uma negação do ideal de objetividade e assepsia política, uma vez que na verbalização implícita percebem-se opiniões. Elas são compreendidas através da teoria de Oswald Ducrot (1987) sobre posto, pressuposto e subentendido. Neste estudo, foram encontrados exemplares das duas categorias da linguagem implícita; vale, portanto, ressaltar a diferença entre elas. O pressuposto é marcado por uma palavra, condição que origina a aceitação de tal compreensão como verdadeira; enquanto o subentendido depende de um reconhecimento prévio do contexto.

Contudo, a concepção de que a mensagem jornalística tem um caráter manipulador e persuasivo não pode ser tida como verdadeira, uma vez que o autor defende suas ideias de maneira pela qual pode negar a informação. Em *Rebelião* percebem-se mecanismos através dos quais se diz o contrário do que se pretende, satiriza-se uma informação ou que exigem que o leitor atravesse as páginas para constatar a opinião. Isso contribui para a construção de um complexo processo de significação, composto por linguagem implícita e explícita.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. São Paulo: Ática, 1990

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, Ari, 1980.

CAMPS, S.; PAZOS, L. **Así se hace periodismo: manual práctico del periodista gráfico**. Buenos Aires: Paidós, 1996.

COBALCHINI, Marina. **SENTIDOS REVOLVIDOS NA REVISTA PIAUÍ**. 2010. 264f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Disponível em < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000820344> > Acesso em 23 de novembro 2012.

COSTA, Lailton Alves da. **Teoria e prática dos gêneros jornalísticos: estudo empírico dos principais diários das cinco macro-regiões brasileiras**. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

DUCROT, Oswald. **O Dizer e O Dito**. Campinas: Pontes Editores, 1987.

FRANÇA, M. José. OS IMPLÍCITOS NO ENSINO DA LEITURA: PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS. Ano VII, V.16, jul-dez de 2012. Disponível em: <[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_16/INTER16\\_005.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_16/INTER16_005.pdf)>. Acesso em 23 de novembro de 2013.

HELLIKER, Kevin. **Capote Classic “In Cold Blood” Tainted by Long-Lost Files**. Disponível em: <<http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424127887323951904578290341604113984>>. Acesso em 03 de novembro de 2012.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Geração. 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MÍDIA KIT PIAUÍ. Disponível em:  
<[http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao\\_revista\\_piau.pdf](http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao_revista_piau.pdf)>.  
Acesso em 23 de novembro de 2013.

MOURA, H. M. de M. **Leitura de textos e inferências**. In: ESPÍNDOLA, L.; SOUSA, M. E. V. (orgs.). O texto: vários olhares, múltiplos sentidos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

MUGGIATI, Roberto. **Jornalismo diversional**. São Paulo: ECA-USP, 1971.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PAULIUKONIS, M. A. L. **Texto e discurso: processos de desvendamento inferencial do sentido**. In: IX Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: UFU, 2006. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_097.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_097.pdf)> Acesso em: 14 nov. 2013

PLATÃO SAVIOLLI, F. & FIORIN, J. L. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2010.

TALESE, Gay. Fama e anonimato. 2.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TEMER, A. C. P. **Notícias e serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotose, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

RIGHT, Charles R. **Comunicação de massa: uma perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.

SALLES, João Moreira. Leia entrevista com o cineasta João Moreira Salles, publisher da "Piauí". Entrevista concedida a Morris Kachani. Folha Ilustrada, 31 de julho de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/774936-leia-entrevista-com-o-cineasta-joao-moreira-salles-publisher-da-piaui.shtml>>. Acesso em 22 de novembro de 2013.

SALLES, João Moreira. Jornalismo literário e ficção marcam estréia da revista "Piauí". Entrevista concedida a Sylvia Colombo. Folha Ilustrada, 09 de outubro de 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64970.shtml>>. Acesso em 22 de novembro de 2013.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

WOLFE, Tom. **El Nuevo Periodismo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1976.